

275. P
Pereira

Palavras mansas

VELHO TEMA

Fala-se muito da guerra, que põe diante dos homens de pouca fé um futuro singularmente enublado e incerto.

Até nos praias, onde tantas vezes a vaidade e o impudor caminham de braço dado, se discute o tremendo flagelo que vai agoustando o mundo. Há talvez por isso menos animação nas barracas multicolores, que costumavam ser tendas de campanha despreocupada e alegre...

Nas cates e nos centros de cavaco, aparecem habitualmente ilustres cabos de guerra, com os seus planos, os seus mapas, os seus jornais e o seu estado maior. Erram sempre nas suas previsões, torvas de paixão política; mas consolidam rapidamente os seus créditos confessando que se defrontaram mais uma vez com o generalíssimo Surprezo.

Tenho notado que não nos conhece muito a guerra, lá discutida e falada. Tormenta que por emquanto, mercê de Deus, ruge, ao longe, muito para além da fronteira. Conmover-nos tudo o que de grave e doloroso se passa connosco, com os nossos e ate com a nossa terra. O que vem lá de fora é notícia, pábula o curiosidade. Ia quasi a dizer passatempos.

anda quasi sempre muito perto do alcance dos nossos sentidos. Não tem vontade nenhuma de ir mais longe, sobretudo para sofrer.

Bem sei que há uma solidariedade de cristão, de ordem mais alta, como dizia Pascal. Mas neste nosso triste mundo tem-se feito tudo para a laicizar inteiramente, para que Deus lhe não comunique alento, abnegação, generosidade, eficiência.

E também por isso que entendo, com o mundo de hoje, esta involvidável exclamação de Bossuet: — ó ricos, como vós saís pobres!

Sopram do lado da guerra falsidades sobre falsidades. Vento leste, seco e esterilizante... Vitorias que se convertem em derrotas, derrotas que inesperadamente se transformam em vitórias.

Trava-se hoje a maior batalha da historia e amanhã não se sabe bem se continua ou se a propria historia ficou reduzida a cinzas... E o mais...

Mas a guerra é sempre a guerra — violência, crueldade, brutalidade. Um progresso surpreendente nas armas e uma cegueira impiedosa nos almas.

Os estrangeiros que vieram torajidos até nos, como naufragos que uma vaga mais forte lança de encontro a praia, têm ainda uma tal ou qual expressão de surpresa, horror e espanto, que, nas mulheres, os exageros da moda sublinham por forma pouco simpática. O que essa gente viu e sofreu! O lar desfeito, a profissão abandonada, o património no pior das riscas, os filhos sem rumo e sem destino, a pátria a mercê dos invasores... Fugir, para não ver mais, com o que resta da vida, que é afinal muito pouco.

Quem vê a guerra a distância interessa-se sobretudo pelas ideias, doutrinas e sistemas de carácter político e social que nela se defrontam e combatem. Tudo o mais é secundário.

Quando se trata da democracia ou do totalitarismo, milhões de mortos não contam. Do que não interessa nada, dizem na minha terra, dá beira Douro: — fago tanta casa diso, como da água que vai correndo por esse rio abaixo... Nos ideólogos da guerra, que tudo sabem e prevêm, o sangue que nela corre, há tanto tempo, encontra a mesma indiferença. Cada qual no seu lugar. São ideólogos não são voluntários da guerra. Isso sim! Por muito que preocupem, as ideias são mais leves do que as armas...

Confesso sinceramente que não me seduz a doutrina do conde José de Maistre sobre a guerra a pesar de saber como o seu pensamento é viaroso, profundo, realista e clarividente. Confunde-me essa exploração indefinida e formidável. Sangue, sempre mais sangue!

Mas isto não quer dizer que eu me deixe embalar por todas as ilusões do pacifismo laico de Brisson e de Briand. É um prodigio de Deus, como diz a Escritura, não haver, neste ou naquele momento, um campo para a guerra até os confins da terra. As contendas entre as nações, que são grandes egoísmos colectivos, continuarão a ser derimidas pelas armas, à margem da direita das gentes. Até quando? Até a paz de Cristo, no reino de Cristo. Como não há paz para os ímpios, a previsão aqui cede o lugar à certeza.

Fala-se, também muito dos responsáveis da guerra, dos que a declararam sabendo perfeitamente que tinham feita para ela uma superficial preparação de cursos livres... Que será d'elles?... Só sei dizer que a sua responsabilidade tremenda ensombrar a nossa alma, como há-de ensombrar a historia.

Lembram-se ainda do cardinal Perraud? Foi bispo de Autun e membro da Academia francesa. Teólogo e humanista. Fé, piedade e cultura. A propósito da legislação escolar do seu país, neutra e laica, escreveu estas palavras: «atenção contra a própria existência, suicida-se e poço que põe Deus fora da lei.» Até a guerra veio dizer-nos que ele tinha razão.

Correio Pinto

Crónica Financeira

Mostram as estatísticas que, durante os anos de 1936, 1937 e 1938, o continente europeu importou, em media, perto de quatorze milhões de toneladas de substâncias alimenticias por ano. Nesta conta entram todas as nações da Europa, incluindo a Rússia, ficando apenas de fora a Inglaterra.

Este deficit subiria se, em vez daqueles três anos que foram todos bons e dois d'elles ate excellentes, considerássemos um maior número d'elles. Mas assim mesmo, supondo que todas as substâncias alimenticias incluídas neste deficit se reduziam a trigo, a importância do que o continente europeu recebe de fora equi-



Fátima, 13 de Agosto — Os quatro vencedores do concurso catequístico no Dia Diocesano da Catequese ali realizado. Da esquerda para a direita os meninos Nuno António de Faria Fernandes, de Leiria; Maria Laura Lopes Vieira de Oliveira Dias, de Leiria; Amélia das Neves, da Freixoanda; Francisco Alves, da Freixoanda.

O culto

de N.ª Senhora

da Fátima

NO PORTO

No dia 13 de Julho deste ano o Senhor Bispo do Porto procedeu a benção solenne duma nova capela da Nossa Senhora da Fátima construída pela Câmara Municipal do Porto para servir os 1.500 habitantes das 304 habitações do Bairro Ameal da freguesia de Paranhos.

É uma capela simples, sem pretensões, mas comoda como era preciso para a vida religiosa da gente boa que a cerca. Os nossos parabéns à Câmara Municipal do Porto e aos habitantes do Bairro Ameal.

NO RIO DE JANEIRO

Sua Eminência o Senhor Cardinal D. Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, benzou no passado dia 16 a primeira pedra da Igreja da Nossa Senhora da Fátima a erigir naquella cidade. Serviram de padrinhos os Senhores Embaixador e Embaixatriz de Portugal junto do Governo Brasileiro. Assistiu a esse acto grande número de pessoas das mais notáveis da colónia portuguesa do Rio de Janeiro.

NÁ AMÉRICA DO NORTE

A excelente revista de Toronto (Canada) Saint Joseph's Illite publica no seu número 1 do Volume XXIX de páginas 137 a 145 um esplêndido artigo do rev. P. Afonso Belanger sobre «Nossa Senhora da Fátima» em que, depois dum resumo da historia do Portugal desde a fundação, descreve o estado actual da nossa pátria, as relações entre a Igreja e os Aparições da Fátima e comenta extensivamente o resultado das aparições e do movimento da Fátima em relação ao levantamento religioso do Portugal.

TIRAGEM

da Voz da Fátima

no mês de Agosto

Table with 2 columns: Location and Circulation. Locations include Algarve, Angra, Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Coimbra, Évora, Funchal, Lamego, Leiria, Lisboa, Portalegre, Pórtico, Vila Real, Viseu, Estrangeiro, and Diversos.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

inho e o gado gráudo. As frutas, as hortaliças, os legumes, as aves e os animais miúdos, tudo é preciso produzir com abundância, não só para consumo próprio, mas para vender, que tudo dará bom dinheiro. O lavrador português, se souber aproveitar a maré, safa-se do atoleiro em que vive há dez anos.

Pacheco de Amorim

Pobres de Cristo

O Ti Francisco é um pobrezinho das portas do termo de Lisboa. DA gosto ouvi-lo falar porque tem palminhado toda a espêcie de caminhos, tem batido a muitas portas e conhecido todas as almas caridosas da orla do mar desde o Ribatejo até Coimbra. Alto e magro, com um farto bigode a fazer-lhe arde entre o nariz e a boca, o Ti Francisco tem no falar uma doçura tão grande como a voz de uma criança.

Tenho consigo um irmão mais novo, pequenino de nascença, por quem tem um carinho maternal. Na volta pelos casais é este quem toca e canta porque tem ainda a voz fresca e sabe tirar à guitarra umas toadas tão tristes que não há coração que se não mova.

Um dia que os dois irmãos chegaram da jornada cobertos de pó e cansados, entrámos de conversa.

O Ti Francisco espalmara com a fôlha da navalha uma camisa de linho para fazer um cigarro e lamentava a penúria de esmolas hoje em dia.

— Sabe, agora já não há tanto morrer de fome em outros tempos. Eu nunca tive mais do que tenho hoje, mas nunca me considerei pobre enquanto tive saúde e meu pai ensinou-me a nunca negar esmola a quem não, tem.

— Deixe lá, não tenha medo de morrer de fome que a caridade ainda se não acabou no mundo.

— Ah! eu não tenho medo... Se não é dum é doutro sempre algum pedaço de pão duro vai caindo na sacola. B'quasi todos os dias se encontra quem ofereça um prato de caldo para os dols.

— Então veja lá... — Sim mas o pior é dos que não têm coragem ou não têm forças para ir mendigar como nos pode acontecer amanhã. A caridade é tão pouca que muitos não têm quem deles se lembre.

— Sempre têm um motivo de consolação com lembrar-se que ainda há quem seja mais pobre e mais infeliz que vocês.

— Não lhe reste dúvida, senhor. Todos os dias agradeço a Deus o dar-nos

pernas e saúdinha abonde para arranjar o picotinho para a boca. E depois eu não tenho vergonha nem pena de ser pobre. Pobre foi Cristo e sua Santa Mãe e pobres nos mandou Ele ser a todos, ao menos de coração, se nos quisermos salvar. Olhe, ainda há nêces d'amos do que nos sobeja a outros irmãosinhos, quando nos encontramos nas postadas porque também sem esmola ninguém se saia. Dizia a nossa mãezinha, no tempo em que nós éramos rapazes, que os filhos predilectos de Deus são os pobres humildes como Ele. E assim como um pai perdoados as injurias áquilo que trata bem os seus filhos, também Deus perdoados as ofensas aos que são amigos dos pobres. Nós também temos lá no Céu d'vidas a descontar.

— Mas quem não tem mais não pode estar num dia a dar o que não sabe se lhe será preciso no outro.

— Ah! Não é assim, senhor! Quem dá nos pobres empresta a Deus, e Deus é de boas contas. A gente dá hoje e Ele paga logo amanhã ou depois se for preciso.

Quando éramos novos e ganhávamos para a casa, era a nossa mãe que governava, e olhava por nós, como fôz até morrer. Quando no fim da semana se recebiam as jornas, punha sempre de parte uma quantia a que elle chamava o estêdas. Este havia de chamar outro; lá pó-lo na mão de algum necessitado. Pois acredite, senhor; nunca nos faltou uma tigella de caldo e um pedaço de pano para cobrir a nudez. E ainda da caridade da nossa mãezinha que nós vivemos hoje.

O calor tinha quebrado e os dols velhos depois de alfiarem os alforges nos ombros, apanharam os Lardões e, um ajeando outro atrás, delataram-se ao caminho stumidos na esquina de um muro.

Fiquel-me a scismar nas lições daquelles dols pobres tão singulares e senti um vago desejo de ir atrás deles e fazer-me assim pobre também por amor de Cristo.

P.

Este número foi visado pela Censura

Com "Voz de Fátima", S. S. S. S. S., 18 (215), 13 Set. 1940, p. 4, col. 5